

## A UTILIZAÇÃO DE ENTREVISTAS COMO FERRAMENTA DE ENSINO DE LÍNGUA INGLESA PARA UMA TURMA DE SEGUNDA SÉRIE

Jader Luiz Gama das Neves <sup>1</sup>, Udinelquia Gonçalves dos Santos <sup>2</sup>, M<sup>a</sup> Aparecida Gonçalves dos Santos <sup>2</sup>

<sup>1</sup>Docente de Língua Inglesa - IFTO. e-mail: <jader.neves@ifto.edu.br>

<sup>2</sup>Acadêmicas do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas - IFTO. e-mail: <udigoncalves@hotmail.com>

**Resumo:** Trabalhar com a fala, uma das quatro habilidades necessárias para o aprendizado de línguas estrangeiras, sempre foi um desafio para os professores, pois ainda não há muitos materiais específicos para a sala de aula e tempo necessário para o encontro com os alunos em classe. Muitas vezes, os profissionais tem que contar com a criatividade para o trabalho com a oralidade. O presente artigo apresenta uma experiência na qual os alunos de uma turma de ensino médio de uma escola pública do município de Araguatins - To formularam perguntas em sala de aula para uma posterior entrevista em inglês. O primeiro passo foi formular dez perguntas e o segundo, aprender a ouvi-las e pronunciá-las no momento da entrevista. O método utilizado foi o de perguntas e respostas orais, em sala de aula, voltadas para experiências cotidianas, costumes e conhecimentos gerais. O entrevistador foi o professor e os materiais utilizados durante a atividade foram textos de livros diversos, o conteúdo sobre pronomes interrogativos do livro didático, dicionários, celulares e quadro-branco. A presente atividade trabalhou a pronúncia correta, o significado de algumas palavras, a entonação de frases exclamativas e interrogativas e expressões idiomáticas desconhecidas.

**Palavras-chave:** entrevistas, fala, inglês, línguas estrangeiras, perguntas

### 1 INTRODUÇÃO

As línguas estrangeiras têm sua importância no cenário educacional brasileiro confirmada há muito tempo. Desde quando foram implantadas, pretendem apresentar ao educando um leque de oportunidades para que se possa conhecer novos discursos, respeitar novas culturas e ampliar o contato com a Ciência. O idioma mais frequente nas salas de aulas do Brasil é o Inglês, destacado atualmente como o idioma mais utilizado por diversas pessoas no mundo.

Holden (2009) afirma que parece coerente o trabalho separado das habilidades de língua inglesa nos encontros em sala de aula, todavia a sociedade exige a utilização das habilidades ao mesmo tempo. Sabedores da importância dessa afirmativa, muitos professores da área tentam trabalhar as quatro habilidades essenciais para o ensino de língua estrangeira (fala, escuta, escrita e leitura) de forma integral, mas esbarram em contratempos como o pouco tempo cedido para as aulas (de duas a uma aula), e a falta de materiais adequados. Isso faz com que apenas uma ou duas habilidades sejam trabalhadas constantemente.

De acordo com Donnini et al (2010), a forma de ensino que melhor se estabeleceu é o Método de Gramática e Tradução, muito trabalhado no século XIX e no começo do século XX. Assim, por exemplo, textos que poderiam ser explorados de outras formas servem de base para a análise gramatical e suas frases são utilizadas para exemplificações estruturais. Muitas vezes, a oralidade é explorada somente quando há o aprendizado de estruturas gramaticais, com a leitura repetida na

sequência “professor-alunos”, onde o professor lê uma frase ou trecho de textos do conteúdo gramatical e os alunos repetem, não contemplando uma articulação livre da fala.

Dessa forma, na experiência de entrevista em sala de aula, base para a produção do presente artigo, as quatro habilidades estiveram perante aos alunos da seguinte forma: a escrita, ao formular as perguntas, a leitura, ao ler essas perguntas para o professor, à fala ao responder as perguntas feitas pelo professor e a escuta ao verificar a pronúncia do professor e do dicionário digital.

Santos (2012, p. 25) afirma que, “uma das vantagens das entrevistas é que elas permitem esclarecimentos sobre as respostas (o que não seria possível por meio de questionários)”. O risco de aparecimento de respostas “decoradas” em uma atividade como essa é grande, porém as chances de os alunos apresentarem respostas mais flexíveis são maiores, pois o pedido de esclarecimento de respostas em uma entrevista é necessário. Assim, com a experiência, o propósito de se falar em inglês de maneira mais flexível não se perdeu em relação às respostas pré-confirmadas. É fundamental destacar que os estudantes sentem mais segurança ao passarem por atividades prévias, que preparam para o momento de culminância de qualquer atividade diferenciada.

Ao se destacar a fala como habilidade essencial dentro do contexto de aprendizagem de língua estrangeira, deve-se levar em consideração o domínio que o professor tem dessa habilidade, pois o parâmetro que o aluno possui para verificar a pronúncia, além do que a tecnologia de informação apresenta, é o professor. A fala de Lima (2009) confirma essa afirmativa ao destacar que, por ocasião da expansão do inglês ao redor do mundo, não há um sotaque nativo que seja considerado o mais adequado. Sendo assim, não há mais a preocupação em seguir um sotaque padrão baseado no inglês britânico ou americano, pois a perspectiva agora é aprender o idioma como um instrumento de comunicação, onde o contexto discursivo pode suprir lacunas.

O reconhecimento de que a oralidade ainda não cumpre totalmente o papel de uma etapa primordial para o aprendizado de língua inglesa em sala de aula das escolas públicas, pelos motivos elencados anteriormente, fez com que surgisse o interesse de utilizar a entrevista como recurso para o ensino dessa habilidade, onde o educando respondeu questões de seu interesse, como pratos preferidos, esportes e opiniões sobre assuntos de cunho nacional e internacional.

O presente trabalho teve por objetivo fazer com que os alunos usassem a fala de modo articulado baseada em assuntos de interesse próprio, aumentando a confiança dos mesmos ao se envolverem em momentos em que a fala, e consequentemente a escuta, será utilizada em ambiente de sala de aula.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO/ESTADO DA ARTE**

A utilização de atividades diferenciadas para o ensino de língua inglesa é ferramenta indispensável para o melhor aproveitamento da disciplina por parte dos estudantes, que dizem aprender mais o idioma com instrumentos do cotidiano, como músicas e vídeos da internet.

Segundo Santos (2012), com a globalização, os alunos de hoje em dia têm contato com várias ferramentas que os fazem chegar à escola com um saber maior sobre a língua do que anteriormente, evidenciando a necessidade de um preparo e qualificação por parte dos professores para utilizar esses recursos, melhorando, assim, o processo de ensino-aprendizagem. Envolver os discentes com materiais com os quais eles sentem familiaridade caracteriza a disciplina de língua inglesa como algo vivo e dinâmico, suprimindo as lacunas de tempo e disponibilidade de material que surgem em contexto de escola pública.

Em relação ao tempo e material disponíveis para o trabalho com idiomas em muitas escolas, “Os indivíduos e os ambientes se constituem mutuamente e as pessoas devem ser vistas dentro de seus ambientes e interações” (FONTANA E LIMA, 2009, p. 16). Assim, de alguma forma, as quatro habilidades (leitura, escrita, fala e escuta) têm que ser trabalhadas em sala de aula, e os professores de língua inglesa devem buscar estratégias diversificadas para evitar possíveis contratempos que possam surgir ao enfatizar apenas uma habilidade.

De acordo com (JOSÉ, p. 190, 2011), “Há muito tempo professores de língua inglesa procuram métodos e técnicas para despertar o interesse dos alunos que de princípio são desinteressados pelo estudo deste idioma”. O uso de estratégias como entrevista com alunos ou com utilização de áudio e imagem surge com eficácia para trazer o aluno de volta ao ambiente de sala de aula, porém essa utilização tem que estar contextualizada com o que o estudante reconhece como língua inglesa no cotidiano.

“A propósito, sobre tais representações, é preciso aguçar nosso olhar e observar como os alunos interagem com os usos da língua inglesa inseridos em nosso contexto (o da língua portuguesa), por meio de suportes como a mídia, a tecnologia e os jogos.” (DONNINI, 2010, p. 41).

Baseando-se nisso, a ideia de entrevistar os alunos surgiu como meio de envolver as quatro habilidades, incluindo a linguagem corporal (gestos). Ao utilizar a voz de maneira livre, a familiaridade com os fonemas aumenta, fazendo com que a palavra formada por esses fonemas seja incorporada ao vocabulário. “Ao vocalizar, repete-se o que se ouviu em pensamento ou em voz baixa, como que falando consigo mesmo.” (SANTOS, 2012, p. 208). Destacada dentro da revolução digital, por conta do acesso universal de entrevistas com áudio e imagem inclusas na internet, o acompanhamento da fala de nativos sempre vai despertar o interesse dos estudantes, além de fazer com que eles treinem a escuta de forma natural, duas das habilidades menos presentes em sala de aula.

### **3 METODOLOGIA/MATERIAIS E MÉTODOS**

Para o trabalho de entrevista utilizando a comunicação através da fala, selecionou-se uma turma de segunda série de ensino médio. Em sala de aula, durante um encontro de cinquenta e cinco minutos, os alunos dessa turma ficaram responsáveis por elaborar, em seus cadernos, dez questões que eles gostariam de responder, sendo cinco sobre assuntos de interesse próprio e cinco sobre conhecimentos gerais.

Após as perguntas serem formuladas por cunho próprio, foi feita uma revisão ortográfica dessas perguntas juntamente com o professor em outro encontro, assim como a verificação de pronúncia dessas perguntas. Em casa, durante o período de férias, os alunos ficaram encarregados de elaborar as respostas para as perguntas que eles produziram em sala de aula. A próxima etapa do trabalho foi a entrevista propriamente dita, onde o professor entrevistou os alunos utilizando as questões elaboradas por eles, lendo as perguntas para, em sequência, o aluno responder. Essa atividade baseou-se no conteúdo “Pronomes Interrogativos”, trabalhado anteriormente com a turma.

### **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

A língua inglesa é um importante instrumento de comunicação, pois dominá-la faz com que as pessoas tenham acesso à diversas atividades culturais e científicas. A ciência, por exemplo, revela suas novas descobertas por meios de artigos que muitas vezes estão em inglês, assim como outras atividades que incluem o cinema e a música também possuem como idioma padrão o inglês. Além disso, produtos oferecidos para uma população não nativa tem nomes originados na língua inglesa, sem esquecer dos computadores que possuem em suas funções (comando de teclas e programas) o idioma como padrão. “Hoje em dia, o inglês está presente em cada país do planeta e o constante espraiamento do idioma é, acima de tudo, consequência da evolução das novas tecnologias, muito particularmente, do avanço da Internet” (CERUSE, PECK, 2012, p. 01).

O inglês é necessário para quem deseja se qualificar como cidadão do mundo, derrubar fronteiras e fazer parte de um futuro em que todos se comuniquem, troquem experiências e vivam uma nova realidade mais moderna, eficiente e rápida (CERUSE, PECK, 2012). Hoje em dia, muitos materiais de estudo do idioma estão disponíveis para novas mídias, principalmente para os aparelhos celulares mais avançados. Há aplicativos com diversas atividades diferenciadas e os gravadores de voz fazem a pessoa se avaliarem por si próprias em relação a fala. Os livros didáticos, material mais utilizado em sala de aula, também evoluíram com a presença de cds de áudio.

Saber o quanto a língua inglesa é necessária para uma melhor qualificação das pessoas enquanto cidadãos é o que muitos professores repassam aos alunos em sala de aula, e os alunos têm muitos recursos para que um melhor aprendizado por parte deles aconteça. O uso de celulares e

computadores influencia na execução dessas atividades, porém o incentivo tem que partir da sala de aula porque a maioria dos alunos usam os aparelhos não necessariamente para o estudo do inglês, por isso a importância de uma atividade diferenciada que faça com que os estudantes tenham como alternativas primordiais o estudo do inglês com um celular ou computador.

Obedecendo à todas as características de uma atividade diferenciada, o presente trabalho realizado em sala de aula possibilitou aos alunos que treinassem a pronúncia correta de palavras utilizadas nas respostas da entrevista através de pesquisas que eles mesmos fizeram, utilizando diversos aplicativos, dicionários e o Google Tradutor. Isso permitiu eles perceberem o quanto uma ferramenta tão presente em nossas vidas pode fazer a diferença para o aprendizado:

É possível perceber que a internet deixou de ser apenas uma ferramenta de pesquisa para tornar-se uma fonte de troca de experiências e de conhecimentos, além de oferecer possibilidades de aprendizagem de outras línguas. São milhares de pessoas, como professores, alunos e pesquisadores discutindo e trocando informações o tempo inteiro (MULLER; RAMOS; GRÉGIS, p. 294).

Algo que é imperceptível para os estudantes é o fato de que aprender qualquer idioma tem como pré-requisito muitas atividades, pois para aprender é necessária a prática com exercícios que envolvem comunicação e criatividade (HOLDEN, 2009). Um dos propósitos dessa atividade foi fazer com que os alunos percebessem o quanto diversas ferramentas disponíveis em um celular, em um computador podem ser fundamentais para a realização de atividades com uma língua estrangeira. A utilização desses recursos foi possível principalmente com a preparação de perguntas.

Na fase de preparação das respostas, que aconteceu em todo mês de junho, o professor buscou saber quais os assuntos que mais interessavam a eles, como esportes, músicas e jogos on-line. Essa fase ajudou na delimitação do vocabulário. Assim, as perguntas elaboradas por eles fizeram com que aprendessem também como utilizar o sentido de algumas palavras dependendo do contexto como “work” e “job”, significando respectivamente “trabalho”. Muitas dessas palavras também se encontram no vocabulário básico trabalhado em sala de aula pelo professor.

Em uma turma de 37 (trinta e sete) alunos, verificou-se que 20 (vinte) responderam às perguntas feitas sem interrupções ou erros de pronúncia que tornariam difícil o entendimento da fala. Destes, 5 (cinco) não quiseram responder as questões que eles mesmos produziram por sentirem-se inseguros na hora de pronunciar algumas palavras mais complexas como “Independence”, por exemplo. Os 12 (doze) restantes apresentaram erros de pronúncia que foram corrigidos pelo professor em seus cadernos logo após a entrevista.

Destaca-se, com a participação de um dos alunos, um método que o mesmo disse usar para melhorar a pronúncia das palavras: a utilização do Google tradutor. O estudante relatou que escuta pela ferramenta as palavras que ele tem dúvida de como se pronuncia. Além disso, ele disse que também grava sua fala com o gravador de áudio do celular, que é uma forma de fixar a pronúncia das mes-

mas na memória. Este é um exemplo de como o estudo em casa poderia acontecer. Basta que o professor incentive os alunos a usar esses instrumentos, como foi feito com essa experiência.



**Figura 01:** Entrevistas com os alunos. 2017.

Destaca-se, com a participação de um dos alunos, um método que o mesmo disse usar para melhorar a pronúncia das palavras: a utilização do Google tradutor. O estudante relatou que escuta pela ferramenta as palavras que ele tinha dúvida de como se pronunciava. Além disso, ele disse que

também grava sua fala com o gravador de áudio do celular, que é uma forma de fixar a pronúncia das mesmas na memória. Este é um exemplo de como o estudo em casa poderia acontecer. Basta que o professor incentive os alunos a usar esses instrumentos, como foi feito com essa experiência.

Com a atividade, verificou-se a real necessidade de se utilizar instrumentos diversos para o trabalho com a fala nas aulas de Língua Inglesa, como entrevistas, peças teatrais, músicas e jogos. Todavia, o uso dessas estratégias custa tempo e requerem atividades preparatórias bem elaboradas, como ensaios para apresentações em grupo, atividades de escuta de áudio com falas e música, pesquisa de vocabulário por parte dos alunos e outras. Essas atividades fazem com que a língua inglesa seja valorizada pelos estudantes, pois elas surgem com a utilização de outros recursos que não estão presentes apenas na biblioteca e em sala de aula.

Em relação aos diálogos surgidos com a atividade, Holden (2009, p. 93) afirma que “Os diálogos também são propícios para atividades durante a audição. Conversas em que as pessoas estão discutindo sobre como ir de um lugar a outro, pedindo ou dando informações, muitas vezes contêm fatos numa linguagem mais genérica”. O diálogo que surgiu entre os estudantes e o professor no momento da entrevista proporcionou uma ocorrência do uso da linguagem de maneira mais flexível, sem rodeios como a insegurança que surge quando os alunos têm que pronunciar palavras as quais eles têm dúvidas.

## **5 CONCLUSÃO OU CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A presente experiência consolidou a ideia de que a criação de um contexto real para a utilização da fala deve estar presente nas aulas de qualquer língua estrangeira. No caso da utilização de entrevista para se enfatizar a comunicação na aula de língua estrangeira, fazer com que o aluno busque alternativas para se expressar de maneira segura, sem intervenções constantes por parte do professor, é um feito significativo quando se pretende ensinar a língua como um instrumento de comunicação e de conhecimento.

Nesse caso, a pesquisa de novas palavras para a formação de vocabulário, a busca pela pronúncia e entonação adequada de frases interrogativas e a utilização correta da estruturação de perguntas em inglês e conseqüentemente das respostas serviu como um incentivo para o professor procurar melhorar os encontros de cinquenta e cinco minutos, reservados para as línguas estrangeiras na escola parceira da pesquisa.

Apesar de a experiência exigir um período de verificação de aprendizagem no qual o acompanhamento do passo-a-passo por parte do professor acontece em duas aulas (sendo um encontro por semana), considera-se a utilização da experiência no futuro, de maneira mais bem elaborada, como um passo importante para se fazer com que as aulas de língua inglesa ganhem um valor cada vez mais

significativo para estudantes que pretendem ingressar no ensino superior, mas que ainda não sabem como uma língua estrangeira pode ser importante para a formação intelectual.

## REFERÊNCIAS

CRUSE, Rui Manoel; PECK, Erick Rodrigues. A importância do inglês para as tecnologias da informação. **Tear: Revista de Educação Ciência e Tecnologia**. Canoas, v.1, n.1, 2012. Disponível em: < <https://periodicos.ifrs.edu.br/index.php/tear/article/download/1704/1368>>. Acesso em 20 de julho de 2018.

DONNINI, Livia. Ensino de língua inglesa. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

FONTANA, Beatriz; LIMA, Marília dos Santos. Questões centrais do Ensino de línguas estrangeiras. **ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS: FOCO NA INTERAÇÃO**, Brasília, v.1, n. 1, p. 15-28, setembro, 2009. Disponível em: < [emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/2229/2196](http://emaberto.inep.gov.br/index.php/emaberto/article/view/2229/2196)>. Acesso em 20 de julho 2018.

HOLDEN, Susan. O ensino de língua inglesa nos dias atuais. São Paulo: Special Book Services Livraria, 2009.

JOSÉ, Elisson Souza de São. A necessidade de despertar nos alunos interesse pelo estudo de língua inglesa nos dias atuais. **REVISTA DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS DO CURSO DE LETRAS-UNIFAP**, Macapá, v. 1., n. 1, p. 189-204, janeiro a junho, 2011. Disponível em: < <https://periodicos.unifap.br/index.php/letras/article/viewFile/221/n1saojose.pdf>>. Acesso em 20 de julho de 2018.

LIMA, Joceli Rocha. Correção de pronúncia e a da identidade do aluno de letras. In: LIMA, Diógenes Cândido de. (Org.) Ensino e aprendizagem de língua inglesa: conversa com especialistas. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

MULLER, Carolina; RAMOS, Juliana Marschal; GRÈGIS, Rosi Ana. O USO DA INTERNET NA APRENDIZAGEM. **Revista Entrelinhas**. Vol. 10, n. 2. Jul./Dez. 2016. Disponível em: < [revistas.unisinos.br/index.php/entrelinhas/article/download/12077/5640](http://revistas.unisinos.br/index.php/entrelinhas/article/download/12077/5640)>. Acesso em: 20 de julho de 2018.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. Ensino de língua inglesa no ensino médio: teoria e prática. São Paulo: Edições SM, 2012.

SANTOS, Denise. Ensino de língua inglesa: foco em estratégias. Barueri: DISAL, 2012.

